



JORNAIS E REVISTAS COMO FONTES DE PESQUISA PARA A HISTÓRIA DAS MULHERES

NEWSPAPERS AND MAGAZINES AS RESEARCH SOURCES FOR WOMEN'S HISTORY

PERIÓDICOS Y REVISTAS COMO FUENTES DE INVESTIGACIÓN PARA LA HISTORIA DE LAS MUJERES

Alexandre Mérida¹
Eurídice Hespanhol²
Teresa Vitória F. Alves³

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo discutir as possibilidades e as limitações do uso de jornais e revistas como fontes relevantes para o estudo da história das mulheres. Tal proposta parte de três experiências distintas que se cruzam no momento que buscamos entender como meninas e mulheres tornam-se protagonistas dentro da construção de modelos educativos distintos e mostram seus cotidianos escolares a partir de textos que nos chegam em forma de relatos, escritas literárias femininas, presentes em jornais e revistas que circularam no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX. Nossa proposta de pesquisa se baseia na *pesquisa/nos/dos/ com* os cotidianos, e se estrutura a partir da apresentação da realidade vivida pelos objetos de estudos distintos: de meninas e mulheres cronistas do norte fluminense, uma escritora que em suas obras fala de educação e meninas e professores que vivem o cotidiano de uma escola, que é um internato feminino na capital fluminense. Interligando essas trajetórias de vida buscamos chegar ao ponto de congruência desse artigo que se encontra na análise da escrita dessas meninas e mulheres acerca *nos/dos/com* os seus cotidianos escolares, enquanto espaços de transformação das condutas e dos corpos femininos. Uma das questões que se coloca nesse processo é: como usar a *pesquisa nos/dos/com* os cotidianos como instrumento de construção das vivências dessas mulheres no passado? Percebemos que tal tarefa não se constitui como algo fácil, ao contrário, é algo extremamente complexo, visto terem sido as mulheres silenciadas ao longo de vários momentos históricos e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: História das Mulheres. Periódicos. Educação. Cotidiano Escolar. Gênero.

Submetido em: 05/05/2025 – **Aceito em:** 03/11/2025 – **Publicado em:** 20/12/2025

¹ Doutor em Educação pela FFP/UERJ/SG, alexandremerida@yahoo.com.br

² Doutoranda em Educação pela UERJ, ehm.pessoa@gmail.com

³ Doutora em Educação pela FFP/UERJ/SG, teresavalves@gmail.com

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the possibilities and limitations of newspapers and magazines as sources of relevance for the study of women's history. Our research proposal for the nos/dos/ with the daily lives, then, is structured from the presentation of the reality experienced by the objects of different studies - the chroniclers of the North of Rio de Janeiro, a writer who in her works talks about education and girls and teachers who live the daily life of a school that is a women's boarding school in the capital of Rio de Janeiro, aiming to reach the point of congruence of this article that is found in the analysis of the writing of these girls and women about the school daily life as a space for female transformation. One of the questions that arises in this process is: how to use research in/of/with everyday life as an instrument for constructing the experiences of these women in the past? We realize that such a task is not easy, on the contrary, it is something extremely complex, since women have been silenced throughout various historical and social moments

KEYWORDS: History of Women. Periodicals. Education. Daily School Life. Gender.

RESUMEN

El propósito de este artículo es discutir las posibilidades y limitaciones de los periódicos y revistas como fuentes relevantes para el estudio de la historia de las mujeres. Esta propuesta se basa en tres experiencias distintas que se entrecruzan en el momento en que comenzamos a comprender cómo las niñas y mujeres se tornan protagonistas dentro de la construcción de modelos educativos y muestran su cotidiano escolar a partir de textos que nos llegan en forma de reportajes, escritos literarios femeninos presentes en periódicos y revistas que circularon en Río de Janeiro a finales del siglo XIX y principios del XX. Nuestra propuesta de investigación para nosotras/de/ con la vida cotidiana, entonces, se estructura a partir de la presentación de la realidad vivida por los objetos de estudios distintos: las cronistas del norte de Río de Janeiro, una escritora que en sus obras habla de educación y niñas y profesoras que viven la vida cotidiana de una escuela que es un internado femenino en la capital carioca, buscando llegar al punto de congruencia de este artículo que se encuentra en el análisis de la escritura de estas niñas y mujeres sobre la vida cotidiana escolar como espacio de transformación femenina. Una de las preguntas que surge en este proceso es: ¿cómo utilizar la investigación en/de/con la vida cotidiana como instrumento para construir las experiencias de estas mujeres en el pasado? Reconocemos que esta tarea no es fácil, al contrario, es sumamente compleja, dado que las mujeres hemos sido silenciadas a lo largo de diversos momentos históricos y sociales.

PALABRAS CLAVE: Historia de las mujeres. Publicaciones periódicas. Educación. Vida cotidiana en la escuela. Género.

SEÇÕES PRIMÁRIAS

De todas as manifestações culturais do mundo moderno, a imprensa escrita surge como fonte repleta de informação para os pesquisadores e as pesquisadoras. O discurso jornalístico possui uma dinâmica própria, reflexo da época e do meio que o produz, sendo a chave-mestra para a compreensão de uma cultura que ordenamos através de fonemas e reconstruímos por meio de frases.

O cotidiano de uma sociedade, ou de um dos seus segmentos, pode transparecer nos vestígios que deixa na sua rede social, como é o caso dos artigos de um jornal, folhetim ou uma revista local. Ao trabalhar com estas fontes há a possibilidade de reconstruir as “histórias” de vários cotidianos deixados atrás no passado. Desta forma, nos textos escritos para/por mulheres, muitas das vezes preocupados apenas em informar, podemos detectar os mecanismos de expressão de um determinado grupo para divulgar suas reivindicações, ideias e sonhos.

Como texto, documento e fonte histórica, os periódicos (jornais, revistas e folhetins) indiciam (Ginzburg, 1989) mais informações do que aparentemente transmitem. As etapas de produção, de venda, circulação e os destinatários da leitura são partes de um hábito de uma cultura que torna a palavra impressa uma forma de construção/identificação da imagem do indivíduo/classe/nação.

A sua simples existência denuncia a origem dos seus produtores e o público ao qual se destina. Ler um periódico no seu contexto geral é compreender a sociedade na qual ele se encontra inserido. Nesse sentido, produtores e leitores são duas faces de uma mesma moeda e os diferentes tipos de periódicos são o espelho onde podemos recolher pistas dessas realidades.

Em relação aos estudos sobre a história das mulheres os registros nos/dos/com os cotidianos femininos, contidos nos textos presentes em jornais, literatura, folhetins e revistas procuram valorizar aquilo que foi dito e escrito por meninas e mulheres, o que ampliou o entendimento do mundo dessas pessoas comuns (Certeau, 2001) e possibilitou a divulgação de dados de sua trajetória de vida e de trabalho.

Em finais do século XIX e princípio do século XX, segundo Heloisa Vilella (2011) a mulher teve sua imagem de sedutora e pecadora desconstruída para dar lugar a um ser naturalmente puro, enraizando assim as ideologias de “domesticidade e maternagem, reforçadas pelo pensamento positivista e higienista” (VILELLA, 2011, p. 120). Nesse contexto, em meio à abolição da escravização e à Proclamação da República no Brasil, as mulheres viam-se envoltas por uma rede de pseudoproteções. Foi nessa teia que termos como feminismo e emancipação da mulher alcançaram ares de modismo. Mary Del Priori (1997, p. 408), na obra, faz citação de um pensamento de Júlia Lopes de Almeida escrito num artigo de Norma Telles:

Não há meio de os homens admitirem semelhantes verdades. Eles teceram a sociedade com malhas de dois tamanhos – grandes para eles, para que seus pecados e faltas saiam e entrem sem deixar sinais; e extremamente miudinhas para nós [...] e o pitoresco é que nós mesmas nos convencemos disso! (Almeida, apud Del Priori, 1997, p. 408).

Para identificar os simbolismos/imagens criados ou falados por elas é necessário perceber suas relações nos/dos/com os seus cotidianos e com o seu imaginário social, que pode ser

representado através das palavras, gestos e linguagens com as quais essas atrizes sociais se faziam entender através dos seus textos impressos.

Trabalhar com o discurso produzido no passado é buscar pistas, indícios e sinais de imagens fragmentadas, tradutoras de várias formas de vivenciar os diferentes *espaçostempos*⁴ de meninas, jovens e mulheres. Cada palavra e o seu sentido possuem uma dinâmica própria em cada discurso e a cada época. A imprensa, assim, assume o papel de intermediária entre o poder público e os diferentes grupos sociais.

Além disso, a imprensa é vista como o espaço para o letramento do povo e da difusão de símbolos e significados sociais. Portanto, faz com que ela se torne um local dinâmico para a concretização das aspirações de meninas e mulheres. Porém, a discussão acerca de quem lia e o que se lia é muito delicada. Os questionamentos levam-nos a possibilidades infindáveis quanto ao uso da leitura e da escrita, à produção e formação de leitores em diferentes *espaçostempos* e momentos históricos. Gostaríamos de esclarecer que é quase impossível ter uma avaliação exata sobre a propagação da imprensa feminina no início do século XX, já que a existência de um público leitor era algo muito restrito, pois poucas mulheres sabiam ler e escrever.

No entanto, algumas dessas mulheres usaram a imprensa como espaço emancipatório, tanto que temos em Michelle Perrot (2005) a afirmação sobre o engajamento das primeiras jornalistas, no século XIX, expondo o seguinte esclarecimento: “As feministas têm consciência do papel da imprensa na opinião pública. Elas tomam essa tribuna com profissionalismo e, também, com muito idealismo.” (PERROT, 2005, p. 34)

Os discursos criados pelas mulheres estão impregnados de sonhos e desejos e questões que nos levam a compreender a realidade impressa nos/dos/com os cotidianos de determinados *espaçostempos*. Quando eles são utilizados e transformados, passam a difundir a imagem de um grupo, de uma sociedade. Eles se transformam em testemunho individual, desfigurando lembranças e produções que eram novamente utilizadas pelo imaginário coletivo, possibilitando perceber as representações, as atitudes, os hábitos e a realidade de uma determinada época.

A pesquisa em jornais abrange diferentes esferas da vida em sociedade, podendo ser inserida dentro dos estudos culturais, que segundo Barros (2002) abrange diferentes esferas da vida em

⁴ A escrita das palavras juntas é uma opção teórica e epistemológica das pesquisas nos/dos/com os cotidianos para enfatizar a indissociabilidade entre alguns termos tradicionalmente opostos ou diferenciados. Importante também salientar que esta grafia não se trata de um recurso estético e está embasada na argumentação de que vivemos e atuamos em redes nas quais diversos aspectos não se opõem ou anulam, ao contrário, se enredam uns aos outros os tornando indissociáveis. (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2019, p. 71)

sociedade, tais como a “cultura popular, a cultura letrada, as representações, as práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, os sistemas educativos, a mediação cultural através de intelectuais [...]” (BARROS, 2002, pp.55-56), entre outros.

O ser humano é um ser que se produz mediado pela cultura ao mesmo tempo que modifica essa mesma cultura, não havendo separação entre suas diferentes manifestações, visto ser um processo circular e de grande complexidade. Dessa forma ao ler um periódico, como no caso do jornal “O Monitor Campista”, uma pessoa é modificada ao mesmo tempo que modifica a informação apresentada, assim, ao discursar sobre a educação feminina o jornal produz uma percepção de feminilidade ao mesmo tempo que é modificado pelas relações sociais desenvolvidas no período, por esse motivo foi, e ainda continua sendo, difícil localizar discursos sobre a mulher no século XIX, sendo eles mais evidentes durante sua segunda metade, momento de transformações sociais e culturais. Como afirma o autor acima mencionado:

[...] Além disto, negligenciava-se o fato de que toda a vida cotidiana está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura. Ao existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isso seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão. A própria linguagem, e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social, embasam essa noção mais ampla de cultura. “Comunicar” é produzir cultura, e de saída isso já implica na duplicidade reconhecida entre Cultura Oral e Cultura Escrita (sem falar que o ser humano também se comunica através dos gestos, do corpo, e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu ‘modo de vida’ (BARROS, 2002, p. 57).

Dessa forma os diferentes documentos utilizados podem ser vistos como artefatos culturais que dizem respeito as diferentes formas de ser e estar em sociedade, vivenciada de diferentes maneiras pelos diferentes integrantes da sociedade campista do oitocentos.

Não esgotando a temática, Barros (2002) também chama a atenção para o fato de “os sistemas educativos, a imprensa, os meios de comunicação, as organizações socioculturais e religiosas” (BARROS, 2002, p.61) constituírem uma complexa rede de difusão e reprodução social, sempre em disputas com novas formas de representação. Dessa forma, ao publicar uma seção no jornal “O Monitor Campista”, de 1º de janeiro de 1885 intitulada SECCÃO DAS SENHORAS, os editores tinham uma imagem de mulher idealizada que procuravam reproduzir e impor através de seus discursos (essa seção aparecerá em diferentes edições do jornal com temas “específicos” às mulheres), todavia, essa imagem não correspondia a todas as mulheres que viviam na região de Campos, muito menos as que tinham que trabalhar desde cedo, seja por imposição do jugo da escravização, seja por não dependerem de homens para a sustentarem.

O jornal Monitor Campista como fonte de estudos sobre os cotidianos das mulheres no norte fluminense na segunda metade do século XIX.

O jornal “O Monitor Campista” está sob a tutela do Arquivo Municipal de Campos, assim como documentos referentes aos processos de escolarização da cidade, infelizmente muito desses materiais encontram-se sem catalogação e alguns estão em péssimo estado de conservação, apesar dos esforços dos funcionários do arquivo.

O Monitor Campista é considerado o terceiro mais antigo jornal em circulação no país, tendo sido inaugurado em 4 de janeiro de 1834, por José Gomes da Fonseca Parayba e Francisco José Olympio, ambos médicos e residentes em Campos dos Goytacazes (CAMPOS, 2004), e findando suas atividades em 15 de novembro de 2009, não sem inúmeros protestos de seus defensores.

O fato de o jornal ter sido publicado sob a orientação de dois homens com formação em medicina, por si só já se constitui em um indício para compreender suas escolhas por artigos e escritos pessoais que abordam a situação da mulher, como algo dado previamente e que caberia a cada uma delas assumir sua posição dentro das expectativas de gênero de sua época.

Atualmente há exemplares desse jornal guardados na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, podendo ser acessado remotamente através da hemeroteca no endereço digital: *Coleção Digital de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional* *Memoria BN* <https://memoria.bn.gov.br>. Infelizmente o acervo está incompleto com vários exemplares faltando. Uma outra parte está preservada no Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, em Campos dos Goytacazes, podendo ser consultado somente de forma presencial e com horário marcado.

No momento o arquivo encontra-se fechado ao público para obras de manutenção do acervo da instituição. Um outro designatório dos exemplares do O Monitor Campista é o Jornal do Comércio, porém, não está aberto para consulta ao público ou pesquisadores/ pesquisadoras. Apesar do zelo e cuidado na preservação desses jornais pelas duas primeiras instituições a que tivemos acesso, muitos estão danificados pelo tempo ou pelo manuseio equivocado de alguns/ algumas investigadores/ investigadoras.

Ao longo da segunda metade do século XIX as representações das mulheres ficam cada vez mais notáveis nos exemplares aos quais tivemos acesso, o que indica sua relevância na vida diária campista e, ao mesmo tempo, uma forma de disciplinar suas formas de ser e estar em sociedade.

Imagem1: Jornal *Monitor Campista*, ano: 1884

Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Neste sentido é interessante notar um fragmento encontrado no jornal *O Monitor Campista*, de 30 de março de 1884:

A educação das mulheres antigamente era muito frívola; não a façamos, porem, doudas de mais, e tomemos por divisa: - Nem bonecas, nem pedantes. [...] Não duvido que o desenvolvimento da história natural do ensino secundario das mulheres faça de muitas dellas discipulas, talvez emulas, dos Reaumur e dos Haber; os principais dotes de uma irmã de caridade, que toda mulher de boa familia deve ter, encontrarão tambem assim em que empregar: as mulheres são membros natos da sociedade de protetora dos animaes. Depois das sciencias as letras. (Jornal *O Monitor Campista*, março de 1884)

O autor de codinome Ernesto Legouvé, discute em dois editoriais na primeira página do jornal “Como se devem instruir as mulheres?”, levantando as possibilidades e os limites da educação que deveria ser oferecida a elas, visto que, segundo ele, homens e mulheres teriam “disposições

naturais” para aprender e que essas seriam diferentes para os dois gêneros , incidindo sobre aquilo que a sociedade, ou, ao menos um grupo letrado dessa sociedade, esperava que fosse o comportamento e a conduta de uma mulher de “boa família” dentro da sociedade campista da segunda metade do século XIX. Índícios como esse serão encontrados em diferentes espaços do jornal Monitor Campista, em suas várias edições, servindo como base de análise para compreender as diversas representações sobre as mulheres nesse período e local.

No fragmento apontado acima, pode-se perceber que apesar das mulheres estarem conquistando cada vez mais espaço na sociedade campista da segunda metade do século XIX há a produção de diferentes discursos que tentam demarcar o lugar social delas. Apesar do autor concordar que a educação das mulheres era muito "frívola" no passado, não deve ser uma educação que habilite a mulher a sua liberdade plena, ao contrário, deve limitá-la ao papel de mãe e esposa. Devido as características "naturais" poderiam ser membras da "sociedade protetora dos animaes". Todavia, em nenhum momento poderiam descuidar de sua vocação principal dentro do lar.

Nos anúncios dos jornais é possível acompanhar algumas características da educação ofertada as meninas à época como o oferecimento de uma educação cristã e moral com o oferecimento de disciplinas tais como: primeiras letras, caligrafia, aritmética, gramática nacional, história sagrada, trabalhos de agulha, cose, marcar, crivar, bordar, crochê entre outras, como visto no anúncio abaixo,

COLLEGIO DE SANTA ISABEL, DIRIGIDO POR MARIA JOSÉ DE ANDRADE, RUA DO ROSARIO N. 33. A directora deste collegio, animada pela confiança que muitos pais de familia nella tem depositado, participa ao respeitavel publico, e particularmente aos mesmos Srs., que ella tem mudado o seu estabelecimento de educação para a rua do Rosario n. 33, esquina do largo do mesmo nome, uma das melhores localidades desta cidade. A casa vantajosamente situada e com as accomodações de taes estabelecimentos, offerece por sua vastidão, asseio e qualidades hygienicas, todas as garantias de salubridade e bem estar de suas educandas. A directora sempre solicita em promover a educação moral e entellectual de suas discipulas, envidará todos os seus esforços para que não desmereça da proteção de tão benevolmente tem sido acolhida. As materias de ensino no seu estabelecimento serão as que constam do seguinte: Programa. EDUCAÇÃO PRIMARIA. Primeiras letras, inclusive doutrina chistan, moral calligraphia, arithmetica, grammatica nacional, historia sagrada, &c. TRABALHOS DE AGULA. Coser, marcar, crivar, bordar de diversas maneiras, trabalho a ponto de crochet e tricot, obras de tapeçaria e de missangas, &c. EDUCAÇÃO SEUNDARIA. Francez, italiano, geographia, piano, canto e dança. A educação primaria e o estudo da lingua italiana continuam a cargo da directora, coadjuvada por suas irmans, e as demais materias de educação secundaris a cargo dos Illms. Srs. professores Barão de Breitenbauch, Antonio Lino Heredia, carlos Frederico Renne e Honorato José Victorino. MENSALIDADES. Pensionistas.....25\$000, Meias ditas..... 12\$000, Externas.....4\$000. EDUCAÇÃO SECUNDARIA. Francez, italiano e geographia.....4\$000, Piano e canto.....8\$000, Dança.....5\$000. Cidade de Campos, 16

de Setembro de 1860. A professora e directora, Maria José de Andrade (Jornal O Monitor Campista de 18 de setembro de 1860).

Assim, ao mesmo tempo que os colégios e escolas campistas ofereciam uma educação que possibilitava a aquisição de conhecimentos acadêmicos, não descuidava de sua formação para o lar, com o oferecimento de conhecimentos valorizados para uma boa mãe e esposa. Não é sem motivo que entre as disciplinas oferecidas a nível médio estavam piano, francês e dança. O intuito era oferecer uma educação que possibilitasse a inserção dessas mulheres em sua sociedade, de tal forma que pudessem educar seus filhos para o mundo da cidade e suas filhas para o domínio da casa.

Outro ponto relevante da educação feminina dessa época era a possibilidade de algumas alunas seguirem a carreira do magistério e, assim, saírem do espaço da casa, destinado a grande parte das mulheres da elite.

Internato Esmeraldina Maria de Souza – Professora da 1ª escola pública de instrução primária do sexo feminino da cidade de Campos – Competentemente autorizada pelo Exm. Sr. Director da Instrução Publica da Provincia do Rio de Janeiro, tendo feito aquisição de um excellente predio, sito na rua do Sacramento, com todas as condições precisas para um magnífico e muito higienico internato, aceita pensionistas. A annunciante julgando-se assaz conhecida do illstrado publico de Campos, pois, o aproveitamento demonstrado por suas ex-alumnas, algumas das quaes exercem já com grande accerbação o magisterio, prova o seu zelo e excellencia do methodo de ensino. Espera continuar a merecer, como até hoje, a confiança dos Srs. chefes de familia, e muito pricipalmente agora, que o predio em que estabeleceu o seu collegio, collocado n'um dos melhores pontos da cidade, rua do Sacramento, reúne todas as condições precisas para a saude e bem-estar de suas educandas (Jornal O Monitor Campista de 03 de abril de 1879 – grifos do autor).

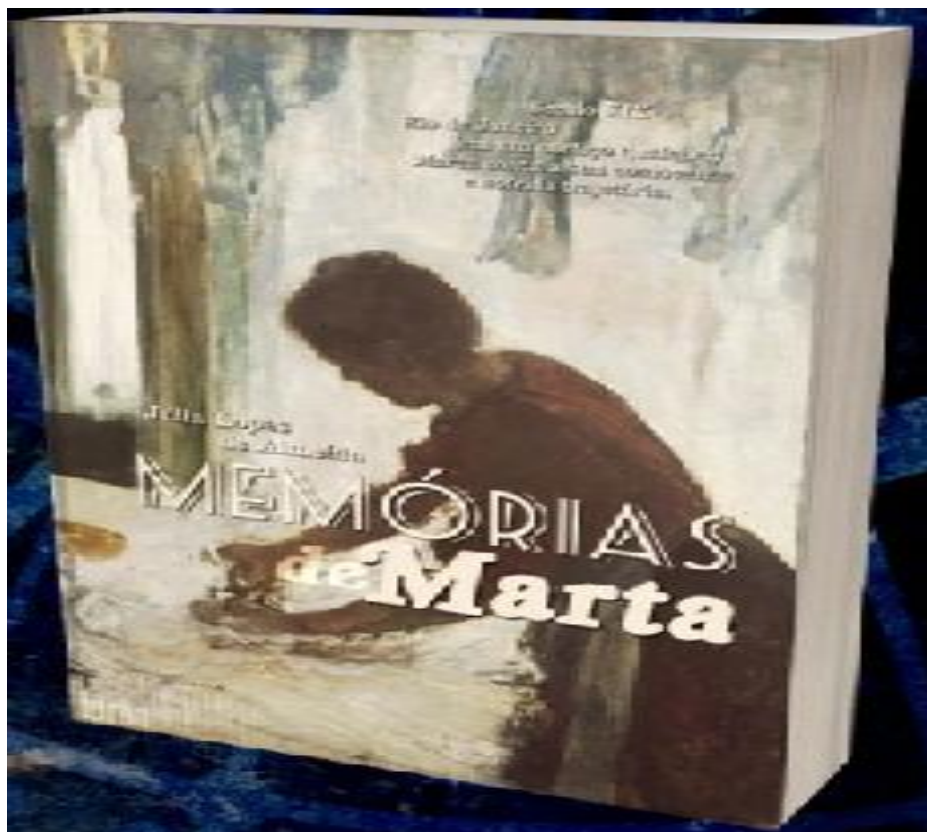
Analisar a educação de meninas na cidade de Campos dos Goytacazes na segunda metade do século XIX, verificando suas potencialidades e limitações dentro de uma perspectiva ligada a história cultural, tendo como ponto nevrálgico a história das mulheres, que durante muito tempo foram silenciadas ao longo das narrativas historiográficas como apontado M. Perrot (2005) “É o olhar que faz a história. No coração de qualquer relato histórico, há a vontade de saber. No que se refere às mulheres, esta vontade foi por muito tempo inexistente [...]” (p. 14). Não ser construída historicamente não significa ausência de sua força e intervenção no passado, mas que passo não foi algo de despertasse o trabalho de historiadores, ao menos até o início da década de 1970 quando a história das mulheres passou a ser alvo do interesse da historiografia, seja pelo avanço das discussões feministas ou pelo maior acesso ao ensino superior ou, ainda, pela maior visibilidade das mulheres que passaram a ocupar cargos públicos e de poder na sociedade, o importante é que nas últimas décadas do século XX houve um movimento de regaste de passado silenciado e as mulheres e suas histórias passaram a integrar o discurso historiográfico.

Júlia Lopes de Almeida e a educação feminina na obra Memórias de Marta

É importante considerar que a dramaturga, cronista, contista, romancista Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) teceu discursos e conferências para que a mulher brasileira pudesse almejar algo além do espaço a ela destinado no ambiente doméstico. O número de convites para representar a mulher brasileira nacional e internacionalmente demonstra a razão pela qual ela foi considerada feminista e ativista na luta pela emancipação da mulher. A importância dos seus romances, contos e crônicas, mostrando personagens femininos como protagonistas que transgrediam regras e ultrapassavam as barreiras do esperado, vencendo, dessa forma, os padrões deterministas da época, são a prova de que sua pena usou e abusou para chamar a atenção da realidade destinada ao sexo feminino, em finais dos Oitocentos e início do século XX.

O romance *Memórias de Marta* foi a primeira obra editada por Júlia Lopes de Almeida, publicado, antes, como folhetim no jornal *Tribuna Liberal* do Rio de Janeiro, de 3 de dezembro de 1888 a 17 de janeiro de 1889, conforme informações do editor numa edição de “A família Medeiros”. Dez anos depois, em 1899 virou livro pela Editora Casa Durski, de Sorocaba (São Paulo), com a terceira edição (segunda em livro), pela Livraria Francesa e Estrangeira Truchy-Leroy, em Paris, provavelmente em 1930.

Imagem 02 – capa do livro de 2020



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

O livro tem como pano de fundo a vida de uma personagem narradora que sonha em ser professora e sair de sua moradia paupérrima, um cortiço de final de século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão.

Após a viuvez, Dona Marta, mãe da narradora de mesmo nome, sofre um repentino rebaixamento de classe, precisando abandonar a casa e sobreviver num cortiço, exercendo a atividade de lavadeira. É o início onde a narradora conta sua infância difícil até ganhar um vestido usado de uma das clientes de sua mãe e ter condições de frequentar a escola. Na escola, Marta faz sua primeira amiga a “mulata” Matilde. Sobre Matilde, a narrativa relata um roubo que foi descoberto em flagrante. As humilhações na correção dele fazem de Matilde uma aluna proscrita na classe.

Com o tempo, o romance nos relata que a “mulata” ficou violenta, revoltada e acabou sendo expulsa. Outro nome citado é o da aluna Clara Silvestre, que pouco permanece matriculada e anos mais tarde Marta a encontra por acaso em situação que remete à prostituição. O diálogo, na arte ficcional, esclarece, nas entrelinhas, noções de interseccionalidade presentes no romance. A narrativa apresenta a realidade de uma vida escolar cheia de preconceitos, tiranias,

evasões de alunas, onde as diferenças de cor e classe eram naturalizadas. Vale citar Lélia Gonzales:

(...) discriminação de sexo e raça faz das mulheres negras o segmento mais explorado e oprimido da sociedade brasileira., limitando suas possibilidades de ascensão. Em termos de educação, por exemplo, é importante enfatizar que uma visão depreciativa dos negros é transmitida nos textos escolares e perpetuada em uma estética racista (...). (GONZALES, 2020, p. 160).

Sobre a cor de Matilde e sua expulsão da escola, vale relacionar as questões dos ideais médicos recém-chegados ao Brasil naquele final do século. Para tal, Gonzales também elucida:

(...) sabemos que o colonialismo Europeu, nos termos com que hoje o definimos, configura-se no decorrer da segunda metade do século XIX. Nesse mesmo período o racismo se constitui como a “ciência” da superioridade euro cristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação que viria a ser não só o referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivista das nascentes ciências do homem, como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental. (GONZALES, 2020, p. 129.)

Era o nascimento da Eugenia, que começava a influenciar os pensamentos sociais no Brasil, acentuando discriminação e exclusão das populações negras após escravizados, limitando direitos em relação à educação e ascensão social, fatores muito bem colocados no romance realista em questão.

A escola de meninas foi para Marta o lugar mais feliz, a esperança, o futuro. Seu sonho era ser professora, tirar a mãe do cortiço e dar a ela uma vida mais digna, sem tantos sacrifícios.

O romance é uma ode à educação, leia-se como estímulo à instrução formal, muito discutida naquele final de século, como se a escola fosse para as meninas das classes populares o único futuro. Mas, já naquele momento, as mulheres haviam conquistado o magistério nas classes iniciais. Podemos dizer que foi uma conquista, apesar de encontrarmos na história, alusão ao pendor maternal para exercer as funções de educar nas séries iniciais.

Além de relatar sobre a escola de meninas, a vida movimentada do cortiço, o meio embrutecido, Marta conta, entre outros episódios, a morte de Maneco, o menino alcoólatra, um impacto naquele espaço pobre, onde a dor da família oferece um rastro de denúncia.

Nos últimos capítulos do romance, Marta trabalha como ajudante de professora, posto máximo mencionado pela narrativa após esforço descomunal. Com o emprego, consegue tirar a mãe do cortiço, embora tarde, pois sua mãe vem a falecer logo depois da mudança.

O livro “Memórias de Marta”, apesar de ambientado e narrado no século XIX, mostra a atemporalidade de preconceitos, dentro e fora da escola, que parecem arrastados pelo tempo, prejudicando meninas e mulheres.

Assim, verificamos que os jornais, os livros e a literatura retratavam os cotidianos das mulheres por nós investigadas, nos fornecendo pistas, indícios e sinais de suas vidas, como também algumas revistas, como pode ser visto a seguir.

A Revista Colmeia como instrumento de aprendizagem

Um jornal escolar não está não pode estar, não deve estar ao serviço de uma pedagogia escolástica que lhe diminuiria o alcance. Deve estar, sim, à medida de uma educação que, pela vida, prepara para a vida (FREINET, 1974, p.78)

Célestin Freinet, pedagogo francês, foi uma grande referência para o modelo seguido pela Escola Nova, importante referência da pedagogia no período considerado pela pesquisa tecida pelos autores deste artigo, defendendo que a escola deve fornecer à(ao) aluna(o) condições para a sua integração total na sociedade, como trabalhadora(or) e cidadã(o) (ELIAS, 2010). O seu ideário, nomeadamente o uso do jornal escolar, ganhou adeptos no Brasil nos anos 1930, com o crescimento do pensamento escolanovista no meio educacional.

A criação da Revista Colmeia está inserida neste movimento, refletindo as inovações do período, assim como a sua pouca duração revela as mudanças políticas ocorridas no Brasil, que caminhava em direção de um regime ditatorial, o Estado Novo de Getulio Vargas.

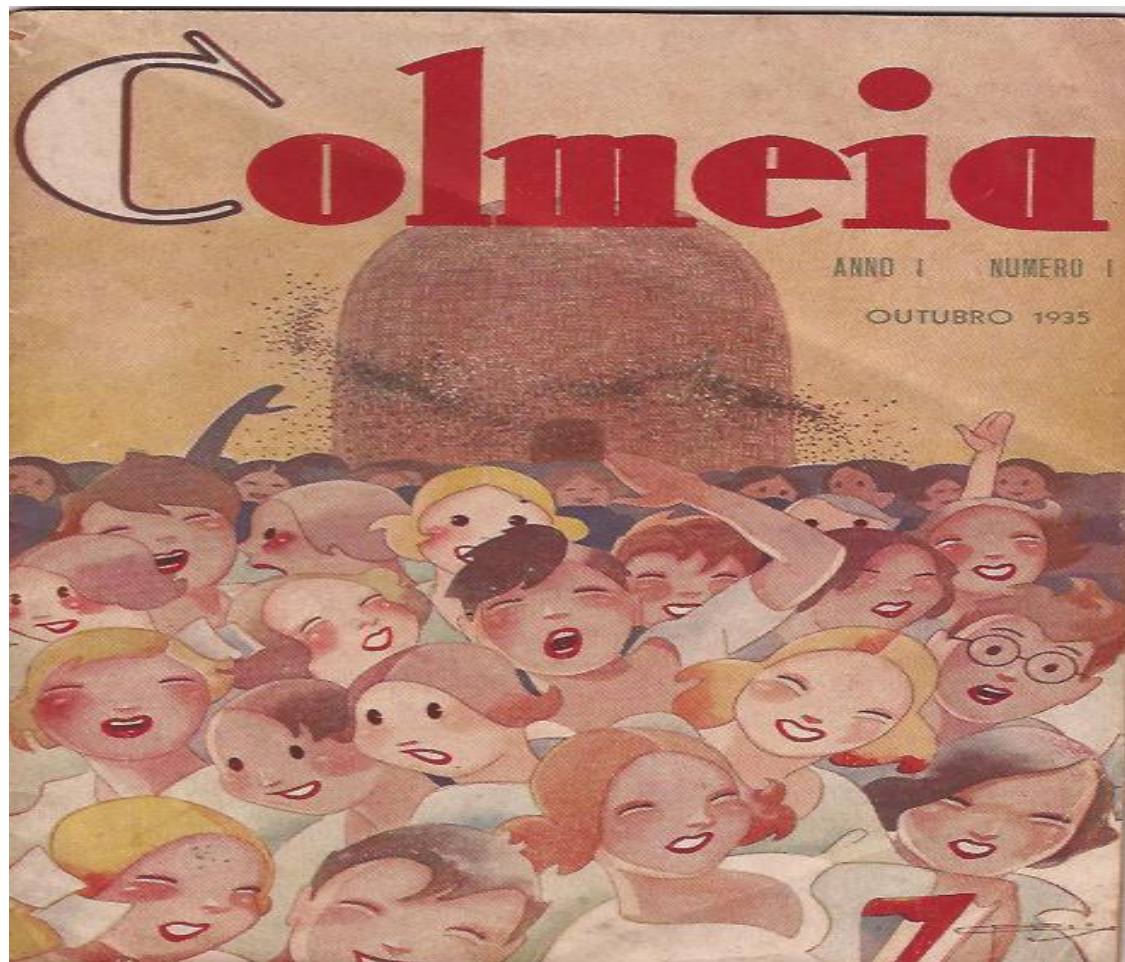
O cenário político brasileiro no período varguista (1930/1945) é visto, por historiadores e educadores contemporâneos, como um marco referencial da modernidade na História do Brasil, não só no que se refere ao processo de industrialização, mas também pelas mudanças na visão da educação como formadora de um ideal de cidadania. O sonho de construção de uma brasilidade surge como uma referência que deve congrega a diversidade da sociedade brasileira, definida a partir da presença dominante do homem branco e do passado indígena e negro.

O então diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, Anísio Teixeira (1932/1935), será responsável por uma série de medidas que visam introduzir na dinâmica escolar mecanismos que permitam moldar a cidadania de forma didática e eficaz. As suas medidas tendem a ser inseridas no âmbito da corrente designada por Escola Nova, cujo principal objetivo é reformular o ensino de forma que este pudesse refletir a imagem proposta para a sociedade. Esta seria

corporativista e nela o trabalhador passaria a ser visto como parte da Nação, mas não participante no processo decisório (SMOLKA; MENEZES: 2000).

Seguindo os ditames que marcavam os periódicos escolares, a Revista Colmeia, era da responsabilidade das alunas do Instituto Profissional Orsina da Fonseca (IPFOF), mas estavam sob a supervisão de professores e professoras da instituição. Caberia às alunas a redação dos artigos e às professoras(es) o papel de júri na seleção dos textos propostos. Estes últimos poderiam versar sobre o cotidiano escolar, relatando o dia a dia das alunas na instituição, conter comentários acerca do desempenho escolar ou abordar “grandes temas cívicos”, seguindo o que o “calendário de comemorações” propagado pelo ideário do ensino oficial e pelo regime, como o dia 7 de setembro.

Imagem 03: Capa da Revista Colmeia.



Fonte: Revista *Colmeia*. Ano I. Arquivo permanente da E. M. Orsina da Fonseca. Acervo CMOF. Série: Periódicos. Ano: 1935

As manifestações de apoio à edição da Revista Colmeia são um referencial do sucesso por ela obtido entre as alunas da instituição. Contudo, e como já foi assinalado, a sua existência foi limitada, abrangendo justamente os últimos meses da administração de Anísio Teixeira.

Como subtítulo, a revista apresentava um antigo dito português com forte influência religiosa: “De Deus vem o bem e das abelhas o mel” (Revista Colmeia, 1935, p. 1). Tal afirmativa é corroborada pelo compromisso “cívico” da publicação espelhado no seu primeiro editorial que, em meio à campanha oficial contra a “doutrinação comunista”, descartava tal intuito, numa espécie de atendimento ao apelo feito para a transmissão dos valores de ordem, moral e cidadania do regime. Desta forma, realmente as alunas se colocavam ao lado oposto dos chamados “maus brasileiros”, como foi citado no editorial da revista Fon Fon (número 36 de 8 de setembro de 1934)

Nas páginas de COLMEIA, espécie de tribuna da opinião das jovens que aqui formam o seu espírito, terá acolhida qualquer trabalho de literatura ou ciência, de história ou arte, que não estejam em desacordo com as idéias fundamentais da educação moderna e respeitem os bons princípios da moral social. (Revista Colmeia, 1935, p. 01)

Dentre as temáticas abordadas nas colunas da revista, temos assuntos tecidos no/do/com o cotidiano escolar do IPFOF, como as leituras feitas nas aulas de Língua Portuguesa, os conteúdos aprendidos na disciplina de História, trechos transcritos das explicações dadas pela professora de Álgebra, indicação de leitura de autores nacionais. Para além de diversas temáticas, esse periódico escolar incorporava trabalhos das alunas e a correspondência que foi estabelecida com uma outra escola, a Escola Argentina, uma das pioneiras na publicação de um outro periódico.

É lógico que esta documentação só nos oferece uma visão parcial da condição feminina no sistema escolar brasileiro da época. No entanto, e tendo em conta a inexistência de arquivos escolares mantidos e conservados, o seu papel é fundamental para evidenciar questões já levantadas nos trabalhos historiográficos que versam sobre o lugar da mulher na sociedade dos anos 1930 e 1940.

A *Revista Colmeia* ao registrar na memória da instituição o trabalho tecido no/do/com o cotidiano do IPFOF, nos leva a repensar a importância da História das Mulheres para a História da Educação Brasileira.

Breves considerações finais

Esse artigo, longe de querer resgatar integralmente um determinado passado, buscou apresentar estruturas dinâmicas plenas de vida construídas por meninas, moças e mulheres, que,

simultaneamente ajudaram a forjar/construir o país. Tornar-se homem ou tornar-se mulher supõe, portanto, um trabalho de socialização de sujeitos, homens e mulheres antes de serem meros depositários passivos de uma cultura que a integra, a reproduz ou resiste ativamente. É um processo dinâmico que pode ser modificado, que sofre crises, podem admitir outros valores, novos símbolos, outras normas e representações (LOURO, 1994, pp. 43 – 44).

Revelar uma história, escondida nas entrelinhas em diversos periódicos, livros e revistas e os pesquisados em arquivos físicos e virtuais, foi o maior desafio do uso dessa documentação como fonte histórica. A reconstrução da memória nos/dos/com os *espaçotempos* escolares, dos projetos educacionais propostos pelos educadores e pelo Estado, além das realizações de professoras(es) e das estudantes, nos levaram a montar um grande jogo de quebra-cabeças, no qual cada peça, ao ser encaixada, desvendava parte de uma memória fragmentada, porém indiciadora de um olhar peculiar sobre uma dada realidade social (GINZBURG, 2002; 1989).

Identificar e organizar cada peça, ou seja, cada parte dessa memória, auxiliou-nos no trabalho da leitura dos dados coletados, além de nos proporcionar a realização de vínculos entre os acontecimentos descritos pela História e a Educação através do olhar das alunas e professoras, a partir, claro, de uma representação lógica.

Como uma forma de *pensarsentir* os processos sociais, as diversas fontes analisadas (jornal, revista e folhetim) sinalizavam, não apenas os diferentes cotidianos e *espaçotempos* escolares, mas, também, as particularidades da vida de suas discentes e docentes. As relações entre alunas e professoras transformaram-se em informações relativas do contexto de uma época, compondo o que se chamou de mundo da escola.

A presente pesquisa privilegiou alguns fragmentos da memória dessas meninas e mulheres, que viram no espaço escolar governamental, um lugar de luta e conquista de valorização das mulheres. Meninas, moças e mulheres, até então ocultas, nos deixaram partes de uma memória de muitas lutas e poucas conquistas. Mas, ao ler as entrelinhas das diversas documentações encontradas nesse espaço escolar, pudemos perceber que muito mais do que discussões políticas e conquistas sociais, elas deixaram como legados outras possibilidades de vida....

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A família Medeiros**. Santa Catarina: Mulheres, 2009.

ALVES, Nilda. **Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos**. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23967>. Acesso: 26/03/2023.

BARROS, José D'Assunção. **O campo histórico: as especialidades e abordagens da história.** Rio de Janeiro: CELA, 2002.

CAMPOS, O. A. A imprensa na Velha Província. In: **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona.** Lisboa, 2004.

CARVALHO, José M. de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

DEL PRIORI, Mary. **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Célestin Freinet: Uma pedagogia de atividade e cooperação.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

FREINET, C. **O Jornal Escolar.** Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos/** Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. In: **Projeto História.** São Paulo, nov, 1994.

HOBSBAWN, Eric J. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou o silêncio da história.** São Paulo: EDUSC, 2005.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. Trabalhando questões de gêneros: Criando e recriando currículos para a valorização do feminino. **Periferia.** v.11, n. 4, 2019.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; MENEZES, Maria Cristina (orgs.). **Anísio Teixeira - 1900- 2000: provocações em educação.** Campinas-SP: Ed. Autores Associados, 2000.

VERÓN, E. **A produção de sentido.** São Paulo: Cultrix: ed. da USP, 1980.

VILLELA, Heloisa de O. **O mestre-escola e a professora.** In: LOPES, Eliane; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Periódico



Revista *Fon Fon*. Número 36 de 08 de setembro de 1934.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.